



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III**  
**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ANDRÉ COSTA DO NASCIMENTO**

**UMA LEITURA DOS CONTOS: NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO E O  
CASO DA VARA DE MACHADO DE ASSIS**

**GUARABIRA-PB**  
**2014**

**ANDRÉ COSTA DO NASCIMENTO**

**UMA LEITURA DOS CONTOS: NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO  
E O CASO DA VARA DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Letras da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Neni de Freitas

GUARABIRA-PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N2411 Nascimento, André Costa do  
Uma Leitura dos Contos [manuscrito] : Negrinha de Monteiro Lobato e o caso da Vara de Machado de Assis / Andre Costa Do Nascimento. - 2014.  
16 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Maria Neni de Freitas, Departamento de Letras".

1. Criança escrava. 2. Exploração. 3. Literatura Brasileira. I.  
Título.

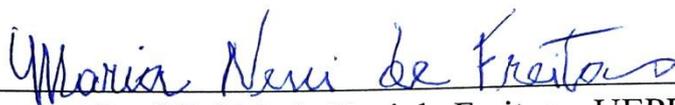
21. ed. CDD 869.3

ANDRÉ COSTA DO NASCIMENTO

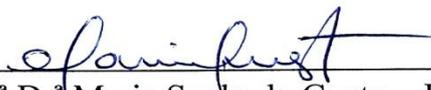
**UMA LEITURA DOS CONTOS: NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO  
E O CASO DA VARA DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

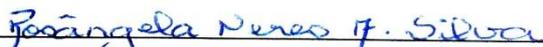
Aprovado em 18 de julho de 2014



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Neni de Freitas – UEPB  
Orientadora



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Suely da Costa – UEPB  
Examinadora



Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rosângela Neres – UEPB  
Examinadora

# UMA LEITURA DOS CONTOS: NEGRINHA DE MONTEIRO LOBATO E O CASO DA VARA DE MACHADO DE ASSIS

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar um estudo comparativo entre os contos “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e “O Caso da Vara”, de Machado de Assis. Nos dois contos citados, é perceptível a forte e impiedosa exploração do trabalho escravo infantil, e a inexistência da infância de duas crianças negras que são submetidas aos mais duros e violentos maus tratos no decorrer das narrativas. Negrinha e Lucrecia são afligidas física e psicologicamente pelas senhoras que as educam, isto é, castigam friamente as duas crianças, com a desculpa de educá-las. Tanto em Lobato quanto em Machado, podemos observar a presença da educação informal, que se dava com o aprendizado de um ofício ou de pequenos trabalhos domésticos até o começo do século XX. Esses castigos físicos ou psicológicos eram mais frequentes nas escolas e no âmbito familiar. Nesse contexto, o estudo procura demonstrar uma aproximação com alguns aspectos relativos aos sujeitos, aos tempos e conteúdos das práticas educativas envolvidas na formação das crianças escravizadas. Utilizamos como subsídio teórico as contribuições de Ariès (1981), Góes & Manolo (2000), Souza (1998), entre outros.

**Palavras-Chave:** Criança escrava, exploração, literatura brasileira.

## INTRODUÇÃO

A exploração do trabalho escravo infantil e a educação informal nas obras *Negrinha* e *O Caso da Vara*, de Lobato e Machado, respectivamente, são os principais estudos desta pesquisa. Observamos a violência existente nos dois contos. *Negrinha* e *Lucrecia* são as figuras centrais, e são evidentes as agressões contra as duas crianças negras que eram privadas de sua liberdade, e sofriam os piores castigos quando desagradavam às senhoras: Dona Inácia e Sinhá Rita que as criavam, demonstrando a maneira que a literatura tematizou a história da escravidão infantil daquele período. Segundo Carvalho (1992, p. 06): “Comparar é um procedimento que faz parte da estrutura de pensamento do homem e da organização da cultura.”

A Literatura Comparada vem tomando espaço no âmbito das pesquisas literárias, desde seu aparecimento no século XIX. Não abrange somente uma simples comparação de textos literários, mas um processo de estudo em que obras literárias, de autores e culturas distintas, são analisadas com o objetivo de estabelecer diálogo entre elas. De acordo com o livro “*La littérature comparée*”, de 1968, citado no livro de Tânia Carvalho:

A literatura comparada é a arte metódica, pela pesquisa de laços de analogia, de parentesco e de influência, de aproximar a literatura de outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre eles, distantes ou não no tempo e no espaço, contanto que pertençam a várias línguas ou várias culturas, façam parte de uma mesma tradição, a fim de melhor descrevê-los, compreendê-los e apreciá-los. (Carvalho, 1992, p. 31)

Não podemos pensar que as obras literárias só têm valor e significado para o período, para a cultura, classe social, sexo ou grupo étnico que as produz. Segundo Carvalho (1992) elas contribuem para esclarecer os fenômenos estilísticos e literários entre si.

Preferimos trabalhar com o “Conto”, porque ele tem suas peculiaridades que o singularizam no universo literário. É conciso, preserva a coerência e coesão entre as partes, produz um clima de tensão crescente e, além disso, sempre termina de maneira surpreendente. Essas características, tão importantes nesse gênero

literário, estão bem representadas nos contos para compreendemos que, por intermédio do testemunho histórico de Machado e Lobato, podemos analisar algumas das grandes questões de seu tempo, especialmente no que se refere à escravidão, a violência, a educação informal e os maus tratos com crianças negras.

Para a elaboração desse estudo comparativo foram realizadas pesquisas sobre estudiosos e teóricos, que abordam o conhecimento sobre o assunto que discutimos, acerca da comunicação entre textos de diferentes autores (intertextualidade) sobre a história dos escravos no Brasil. Este estudo contou com as atribuições de Ariès (1981), Góes & Manolo (2000), Souza (1998), entre outros. E está dividido em 04 tópicos. O primeiro traz a linguagem e o objetivo dos autores nas narrativas, através da crítica e ironia. O segundo mostra a violência cometida contra as meninas, no decorrer dos contos. O terceiro aponta a negação de qualquer forma de expressão, que as garotas eram impedidas de demonstrar. O quarto discute sobre as práticas educacionais e a indiferença em relação à criança, antes do século XIX.

## **1. A linguagem literária utilizada nas obras de Machado de Assis e Monteiro Lobato**

Reconhecido como um marco na literatura infantil no Brasil (foi o criador da série Sítio do Pica-pau Amarelo), Monteiro Lobato é também escritor de grande projeção na literatura adulta, de cuja obra se destaca Negrinha, uma coletânea que reúne 22 contos. Alguns deles figuram nas antologias dos melhores textos desse gênero na literatura brasileira, como o conto homônimo Negrinha, que trata dos resquícios da mentalidade escravocrata no Brasil. Foi um escritor participativo, que lutou pelo progresso e pela difusão da arte e da literatura no Brasil. O autor, que renova com textos, em sua obra considerada adulta, relata o típico cotidiano brasileiro, fazendo uma crítica em seu conto revelando o pensamento escravocrata da sociedade brasileira, mesmo após a abolição. Percebemos que o discurso utilizado no texto, é empregado para causar humilhação, para maldizer, apelidar depreciativamente, ou seja, para caracterizar as personagens como seres desprovidos de qualidades positivas, apenas negativas. Ele utilizou a ironia para desmascarar a sociedade hipócrita da época, que pretendia aparentar ser fundamentada na religião, na cristandade, porém, nas suas

características, nas suas atitudes, demonstrava cultivar valores totalmente colonizadores, dominadores, desumanos e preconceituosos em relação ao outro.

Machado de Assis é um dos maiores escritores da Literatura Brasileira e, para alguns estudiosos é considerado o maior nome da nossa literatura. Ele era neto de escravos alforriados, ficou conhecido pelos seus contos e romances, mas também escreveu poesias, peças teatrais, crônicas e críticas literárias. Não obstante, procura aproveitar ao máximo, dentro das condições da linguagem escrita, as possibilidades que lhe enganchariam a fala se ele fosse um contador da Idade Média. Podemos dizer assim que há em Machado, uma tal ou qual tendência a reduzir uma das antinomias mais nítidas da atividade lingüística, qual é a que existe entre a linguagem oral e a linguagem escrita. Já foi dito que “os contos de Machado de Assis são uma grande exploração, muito sistematizada, extremamente poderosa, da experiência histórica brasileira”. (SCHWARZ: 1990, p. 9).

O conto se passa no período imperial brasileiro, segundo reinado, onde a escravidão ainda estava em vigor. Vale lembrar que O Caso da Vara foi levado ao público em 1891, três anos após a abolição do regime escravocrata no Brasil. Podemos perceber no decorrer da narrativa: “Trata-se de experiência de trabalho escravo, pois a palavra escravidão não é forte demais, como bem disse John Gledson, para caracterizar as relações entre Sinhá Rita e as meninas de sua “escola” (GLEDSOON, 1998, p. 52-53).

Fica evidente que Machado, de maneira perspicaz, chama a atenção do leitor para as experiências do trabalho escravo imposto às crianças na sociedade escravocrata brasileira do século XIX, talvez querendo insinuar, aos seus contemporâneos na década de 1890, período em que o conto foi publicado pela primeira vez, as consequências de tal experiência em um país que não fez, ou sequer iniciou as reformas sociais necessárias para a efetiva integração dos escravos e seus descendentes. Deste modo, podemos afirmar que o conto é uma narrativa que se presta a uma análise de cunho sociológico, sendo composta por significados históricos que não são trazidos à tona por acaso, e que são capazes de provocar no leitor uma reflexão aprofundada sobre os problemas sociais advindos da escravidão. De acordo com Candido (2006, p. 24): “O fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.”

## 2. A violência infantil nos contos: O Caso da Vara e Negrinha

“O Caso da Vara” e “Negrinha” são uma demonstração do trabalho escravo infantil. Machado e Lobato, respectivamente, apresentam-nos a brutalidade excessiva e marcante contra duas crianças negras, do sexo feminino. Lucrécia e Negrinha possuem suas histórias de vida descritas em seus corpos. As marcas da violência sofrida por elas são também pedaços de narrativas que se advinham sobre a pele. Nem tudo nos contos é dito com palavras no decorrer no texto, muita coisa se subentende. No caso delas, nos dois contos, muita coisa se mostra através dos gestos, do físico, das expressões dos olhares, das fatalidades que as aproximam de forma intensa: “Assim cresceu Negrinha – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés.” (Lobato, 2008, p. 16).

A descrição das senhoras nos contos chama a atenção do leitor, pois são bravas e impacientes: “Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como o diabo [...]” (Assis, 1994, p. 3). Para Machado, a ação só existe porque está, primeiramente, nos caracteres dos personagens. Sinhá Rita é brava e isto se verifica ao longo do conto. A coerência da ação narrativa, segundo Machado, é essencial para a identificação entre o narrador e a obra literária. Em “Negrinha”, por sua vez, destaca-se tal descrição de forma irônica: “Ótima, a dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia.” (Lobato, 2008, p. 15).

Lucrécia e Negrinha são agredidas verbalmente e fisicamente no decorrer das narrativas, os castigos variavam desde puxões de orelha, beliscões no umbigo, pontapés, safanões, surras com varas de marmelo e, ainda, os “cocres” que Dona Inácia adorava desferir em Negrinha. A nomeação dos castigos não é somente detalhada por Lobato, mas pelas marcas no corpo de Negrinha e pelo que retratam documentos e livros históricos esta era uma realidade recorrente no caso das crianças negras:

O adestramento da criança também se fazia pelo suplício. Não o espetaculoso, das punições exemplares (reservada aos pais), mas o suplício do dia a dia, feito de pequenas humilhações e grandes agravos. Houve crianças escravas que, sob as ordens dos meninos livres, puseram-se de quatro e fizeram-se de bestas. (Góes; Manolo, 2000, p. 185-186)

O castigo era considerado como uma prática da educação informal. Nos estabelecimentos educacionais, como também apresentou Assis em “Conto de escola”, a palmatória era uma regra. E quando da proibição desta prática nas escolas, ainda no século XIX, os próprios pais continuaram a exigí-la das instituições, pois acreditavam só ser bom professor os que faziam constante uso da fêrula:

A palmatória e o castigo físico eram condizentes com a única forma social reconhecida de manifestação da autoridade, espelhava a brutalidade das relações de domínio da época, na política, no trabalho, no exército, na família e no casal; a palmatória, no imaginário social, comportava-se como um emblema da profissão docente, enquanto expressão do direito legítimo de comando, uma espécie de crédito moral suplementar emprestado aos mestres pelas famílias. (Souza, 1998, P. 86)

Negrinha, com apenas sete anos, sofre pelo sadismo de Dona Inácia e do seu “interesse” em lhe propiciar uma boa educação, como na ocasião na qual a senhora lhe colocou um ovo quente na boca por ter respondido mal a uma empregada da casa. Mesmo o trabalho manual desenvolvido pela menina parece ser introduzido numa relação direta com a necessidade que Dona Inácia tem em vê-la sofrer. Lucrécia, por sua vez, é agredida porque é a criança que já se insere no mundo do trabalho, mas ainda não tem a seriedade da mulher adulta e, sendo assim, é castigada. É muito provável tratar-se de uma cativa, pois Sinhá Rita parece exercer sobre ela um poder de vida e de morte. Os maus tratos como as queimaduras, mencionados pelo narrador, fazem entrever alguns dos “pequenos castigos” suscetíveis de serem praticados a uma criança escrava.

## 2.1 A negação da expressividade de Lucrecia e Negrinha

Falando sobre o direito que Lucrecia e Negrinha não tinham de se expressar, seria mais apropriado começar pelo nome atribuído a Negrinha. Ela não possui um nome propriamente no conto, é chamada apenas por um termo pejorativo que desqualifica sua etnia. Na verdade, eram muitos os nomes com os quais a chamavam.

Que idéia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi *bubônica*. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. (Lobato, 2008, p. 18)

No conto de Machado, o apelido é também empregado pelo narrador ao descrever Lucrecia: “Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela [...]” (Assis, 1994, p. 4). E negrinha, como no conto de Lobato, é também um diminutivo que soa não apenas como diminutivo. Ganha ares de algo relevante, não unicamente menor, mas pejorativo mesmo.

Os castigos de Lucrecia e Negrinha não envolvia apenas o físico e as horas a fio consumidas pela execução de uma tarefa ou por conta da maldade que sofriam, mas ainda a negação da linguagem verbal. Elas não podiam falar, chorar ou rir:

Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que fizera rir Lucrecia.  
 - Ande, senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora [Sinhá Rita tinha recebido algumas visitas após a chegada do seminarista]. Vocês vão gostar muito. Damião não teve remédio senão obedecer. Malgrado o anúncio e a expectativa, que serviam a diminuir o chiste e o feito, a anedota acabou entre risadas das moças. Damião, contente de si, não esqueceu Lucrecia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria; ou teria rido para dentro, como tossia. (Assis, 1994, p. 5)  
 - Quem é a peste que está chorando aí? Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero. (Lobato, 2008, p. 15-16)

Nenhuma das duas crianças possuíam o direito ou a liberdade de brincar como uma criança qualquer, muito pelo contrário, ambas viviam no silêncio e na solidão. Lucrécia deve doar-se inteiramente ao trabalho. A piada está sendo contada, mas ela não pode tomar parte em nada ali. Não há infância, não há graça ou sorriso de menina. Todas as suas energias devem ser dedicadas ao trabalho. E se ri, talvez ria para dentro, assim como tossia. Negrinha é a criança pequena que vivendo ao lado da mãe, na casa da patroa, deve praticamente anular-se. Só terá serventia para dona Inácia após a morte de sua mãe. A senhora tomará conta da órfã e a castigará sistematicamente. Por todo o conto, chamam a atenção sobre Negrinha seus eternos olhos assustados. E a respeito deles, o narrador fala várias vezes. Lucrécia ri para dentro e encontra amparo em seu mundo silencioso, Negrinha também só vive por dentro e encontra algum consolo no cuco do relógio com o qual brinca na sua imaginação.

Como afirma Bonnici (2000, p.18), é na imaginação que o ser oprimido encontra refúgio para amenizar suas dores: “Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.” (Lobato, 2008, p. 34).

### **3. A educação das crianças pobres e escravas antes do século XIX**

As crianças escravas, para o pleno cumprimento das obrigações inerentes à suas condições, deveriam ser preparadas para tomar parte das injustas relações sociais que caracterizavam o mundo escravista, e essa preparação ocorria através de procedimentos que, na época podiam ser definidos como educacionais.

Lucrécia e Negrinha mostram novos ângulos de observação da educação informal da criança escrava ou filha de escravos no Brasil. Segundo GOHN, (2006, p. 29): “[...] A educação informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.” As meninas eram vítimas, sofriam agressões, cascudos, beliscões e diversas outras formas de violência, e além de tudo viviam exclusivamente para servir suas amas, tudo isso faz parte do que Góes e Manolo descreveram sobre a história das crianças escravas. Elas eram criadas e ensinadas para serem pessoas úteis, obedientes e competentes de exercerem trabalhos domésticos.

A indiferença em relação à criança foi hábito mais comum do que muitos de nós podemos imaginar. Na sociedade medieval, o sentimento da infância inexistia, somente nos séculos XVI/XVII, por exemplo, as crianças das classes superiores ganhavam um traje especial, diferente dos de uma pessoa adulta e se admitiria existir nelas uma particularidade diferenciada. No século XIX, a saída para os filhos dos pobres não seria a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares.

[...] no lugar de procurar entender e aceitar as diferenças e semelhanças das crianças, a originalidade de seu pensamento, pensava-se nelas como páginas em branco a serem preenchidas preparadas para a vida adulta. (CALDEIRA, 2010, p.3).

Para atender às necessidades da população, a escola pública proibia seus assentos às crianças escravas. Às pobres, provavelmente mulatas e negras, reservava espaço quando se tratavam daquelas que demonstravam “acentuada distinção e capacidade”. Podemos perceber que o escravo não seguia um processo de aprendizagem pela sua condição, e sim, passava por um processo doloroso que buscava criar um indivíduo com características bastante diferenciadas dos nobres:

O aprendizado da criança escrava se refletia no preço que alcançava. Por volta dos quatro anos, o mercado ainda pagava uma aposta contra a altíssima mortalidade infantil. Mas ao iniciar-se no servir, lavar, passar, engomar, remendar roupas, reparar sapatos, trabalhar em madeira, pastorear e mesmo em tarefas do eito, o preço crescia. (Góes; Manolo, 2000, p. 184-185)

De acordo com as obras tomadas para análise e o conjunto de informações que foram mobilizados para sua interpretação, pode-se dizer que a educação da criança escrava partia de um modelo que tinha como espaço o mundo privado, e como conteúdo privilegiado uma formação que se desenvolvia através do trabalho. Tal processo se dava de forma intensa e rápida, pois a sua eficácia era elemento indispensável para que esses indivíduos se tornassem produtivos e também fossem sujeitos capazes de delinear as perspectivas e as possibilidades de suas ações em um mundo absolutamente hierarquizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou como o colonizador, para se impor como sujeito, como ser de “raça” superior à do negro, utilizava-se de várias estratégias para mostrar a sua superioridade. Nos contos analisados, as senhoras fazem das meninas um objeto, através da violência, da tortura, da criação de estereótipos, impedindo desse modo que as mesmas não se revoltassem.

Através dessa leitura, podemos observar que há uma aproximação dos textos: Negrinha e O Caso da Vara, por exemplo, o trabalho desenvolvido pelas meninas é similar, são serviçais exclusivas das senhoras, e quando desobedeciam sofriam as mais diversas agressões. Em Lobato e Machado, podemos perceber a crítica explícita ao interesse e egoísmo reinante nas posições sociais. A sociedade escrava era alienada pelos opressores que a subjugava, e fazia com que os indivíduos não fossem capazes de agir por si próprios. A alienação social incapacita o pensamento independente do ser humano, e ele passa a aceitar tudo como algo racional.

Considerando a leitura dos contos analisados, podemos concluir que o estudo comparativo é muito importante para se verificar a aproximação de textos que a princípio parece serem distantes ou diferentes, mas apresentam uma sociedade que apesar do distanciamento no tempo, está bem próxima no seu contexto político-econômico e social.

## ABSTRACT

This article aims to present a comparative study between the tales "Negrinha" of Monteiro Lobato, and "O Caso da Vara" by Machado de Assis. In both stories cited, it is noticeable the strong and ruthless exploitation of child slave labor, and the absence of children from two black children who are subjected to the harshest and violent mistreatment throughout the narrative. Negrinha and Lucrecia are physically and psychologically distressed by the ladies that educate, ie coolly punish the two children, with the pretext of educating them. Both Lobato as for Machado, we can observe the presence of informal education, which was true of learning a craft or small household until the early twentieth century works. These physical or psychological punishments were more frequent in schools and within the family. In this context, the study aims to demonstrate an approach to some aspects of the subject, the times and content of educational practices involved in the formation of children enslaved. The theoretical contributions of allowance Ariès (1981), Góes & Manolo (2000), Souza (1998), among others.

**Key Words:** Child slavery, exploitation, Brazilian literature.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASSIS, Machado de. “**O caso da vara**”. In: Obra completa, v. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá, PR: Eduem, 2000.
- \_\_\_\_\_. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e ampl. Maringá, PR: Eduem, 2009.
- CALDEIRA, Laura Bianca. **O conceito de infância no decorrer da história**. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia/o\\_conceito\\_de\\_infancia\\_no\\_decorrer\\_da\\_historia.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf). Acesso em: 11/07/2014.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9 a edição revista pelo autor. Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 2.ed. rev. e ampliada. São Paulo: ática, 1992.
- CONRAD, Robert. **Os últimos anos da escravatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, P.25
- FONSECA, Marcus V. (2002). **A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil**. Bragança Paulista: EDUSF.
- GLEDSOON, John. “**A machete e o violoncelo**”. In: ASSIS, Machado. **Contos: uma antologia**, v. I. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GÓES, J. R.; MANOLO, F. **Crianças escravas, crianças dos escravos**. In: PRIORE, M. D. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000, p. 185-186.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. 2006, vol.14, n.50, pp. 27-38. ISSN 0104-4036.
- GUYARD, Marius-François. **A literatura comparada**. São Paulo: Difusão européia do livro, 1956.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Editora Globo S.A. 2008.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: 70, 1988.

MAUAD, Ana Maria. **A vida das Crianças de Elite durante o Império**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *Histórias das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

MOTT, Maria Lúcia; NEVES, Maria de Fátima R. & VENANCIO, Renato Pinto (1988). **“A escravidão e a criança negra”**. In: *Negros Brasileiros* (Encarte especial da revista *Ciência Hoje*, Brasília, CNPQ, Ministério da Ciência e Tecnologia, vol. 8, n. 48).

NITRINI, Sandra. **Em torno da literatura comparada**. BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. São Paulo, Biblioteca Mário de Andrade, v. 47, n. 1/4, jan/dez 1986.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 2ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 1990.

SOUZA, M. C. C. C. **Decorar, lembrar e repetir: o significado de práticas escolares na escola brasileira do final do século XIX**. In: SOUSA, C. P. (Org.) **História da Educação: processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 1998.